

# Criticada manipulação de estatísticas no comércio

Da sucursal do RIO

O economista e fundador da Comissão Econômica para a América Latina — Cepal — Raul Prebisch, criticou, ontem, “alguns senhores que manipulam as estatísticas e procuram fazer crer que os países devedores estão dispostos a comprimir as suas importações essenciais para conseguir saldo positivo no seu comércio exterior”.

Sem se referir diretamente ao Brasil, o economista destacou que essa estratégia tem altos custos econômicos e sociais, insuportáveis para os países do continente.

Prebisch fez essas afirmações em almoço na Associação Comercial do Rio de Janeiro, que reuniu os economistas Aníbal Pinto — editor da revista *Pensamento Iberoamericano*, lançada ontem no Brasil — e Luiz Yanes, espanhol e presidente do Instituto de Cooperação Iberoamericano, com a presença do governador em exercício do Estado do Rio, Darcy Ribeiro, e do secretário estadual da Fazenda, César Maia, entre outros.

## EXPORTAÇÕES

Raul Prebisch criticou ainda a ênfase excessiva às exportações como forma de promover o desenvolvimento econômico. Para ele, o Brasil e outros países fizeram um grande esforço exportador. “Mas hoje se constata que 70% das exportações

de manufaturados do Brasil sofrem algum tipo de restrição”, acrescentou. Segundo o economista, os países devedores, na situação atual, têm de concentrar-se na substituição de importações, ao lado das exportações.

O fundador da Cepal questionou também a posição dos que vêm na recuperação da economia dos Estados Unidos a salvação para todos os males econômicos. “Considero isso um grande erro, até porque essa recuperação não parece ser muito persistente”, afirmou. Ele abordou, ainda, o problema das negociações entre os países credores e devedores, assinalando que elas deveriam desenvolver-se “em transações individuais dentro de um marco político geral”. O problema, segundo Prebisch, é essencialmente político e a declaração de moratória nessas condições seria apenas uma decorrência do impasse político. “O FMI e o Banco Mundial — afirmou — poderiam assumir o papel de foros internacionais para a negociação. Mas até agora não vejo nenhum sinal de iniciativa por parte dos governos e dos banqueiros.”

O economista Aníbal Pinto, por sua vez, defendeu uma negociação articulada entre os países devedores para que pressionem os credores. “Sem uma efetiva articulação dos países da América Latina, e se for cada um por sua conta, não há possibilidade de resolver o problema”, disse.

EST

20 SET 1983